

Entrevista - Teologia feminista e militância nas Filipinas

Luiza Etsuko Tomita

Uma entrevista com Mary John Mananzan, uma religiosa feminista filipina, militante política na época da ditadura de Ferdinando Marcos.

Mary John Mananzan esteve no Brasil no início de janeiro de 1995, para visitar algumas organizações de teólogas brasileiras, como o Projeto Sofia do ISER/ Instituto Superior de Estudos de Religião (Rio de Janeiro) e o NETMAL (São Paulo).

Mary John é uma religiosa beneditina nas Filipinas. Precursora dos estudos da mulher em seu país, foi ativista política durante a ditadura militar de Ferdinando Marcos. Daí para a militância feminista foi um pequeno passo. Desde 1989 é a coordenadora internacional do programa de mulheres de EATWOT (Associação de Teólogos/as do Terceiro Mundo) e presidente de uma organização de mulheres chamada Gabriela.

Extrovertida, simpática, Mary John não se parece com a religiosa tradicional. Ensinou-me *shibashi*, que é um tipo de Tai-Chi ou uma série de movimentos harmoniosos, quase uma dança, pela qual me apaixonei. Em Beijing fui encontrá-la debaixo de umas árvores, praticando shibashi com um grupo de seguidores e seguidoras!

Mary John nasceu de uma família da classe média, sendo sua mãe professora e seu pai juiz numa pequena cidade.

Entrou adolescente para o convento das beneditinas. Fez o curso de teologia e foi para Roma e Alemanha aperfeiçoar seus estudos, onde obteve seu doutorado. Feminista e militante política, seu perfil pode ser delineado a partir da entrevista abaixo.

MANDRÁGORA: *Você vem de um país asiático - as Filipinas - quase desconhecido para nós, a não ser pela ditadura de Ferdinando Marcos, felizmente já terminada. Poderia situar-nos um pouco?*

MARYJOHN: Nosso país é marcado pela colonização ocidental e por várias crises econômico-políticas: foi colônia espanhola por 400 anos até 1938 e de-

pois, durante 50 anos, ficou sob o domínio dos Estados Unidos.

Um dos sérios problemas do país é a grande desigualdade na distribuição da renda, pois dos 63 milhões de habitantes, 2% possuem e controlam 75% dos recursos do país. Embora o país seja rico em recursos naturais, apenas 25% dos recursos são distribuídos entre os 98% da população.

A conseqüência dessa distribuição desigual de renda é terrível, pois 88% dos habitantes se encontram abaixo da linha de pobreza. E a grande maioria destes são mulheres que têm que sair do país para sobreviver; algumas se empregam como domésticas, nas grandes cidades ou como “mulheres de programa” (*entertainers*) no Japão...

MANDRÁGORA: *Você costuma falar com orgulho das mulheres filipinas e de seu espírito de luta e resistência. Poderia explicar-nos a razão?*

MARY JOHN: Nossa história nos mostra que, antes da colonização espanhola, a organização social de meu povo era igualitária e as mulheres tinham liderança política e religiosa. Nossas nativas eram muito fortes e independentes. Por exemplo, nos casamentos, era o homem que devia dar o dote e não a mulher, de forma que ter uma filha mulher não se constituía em desvantagem.

Sendo uma sociedade rural, politicamente podiam substituir o homem na casa, se ele morria, ou criar seus filhos com liberdade. Não havia conceito de virgindade, não se valorizava a virgindade, de forma que a sexualidade da mulher não era controlada. O valor era o da fertilidade. Assim, se uma mulher engravidasse, não tinha do que se envergonhar, mas orgulhar-se de ser fértil.

As mulheres tinham um valor econômico, pois trabalhavam no campo e em todos os níveis da comunidade. Podiam trabalhar livremente na agricultura ou no comércio, sem depender do pai.

MANDRÁGORA: *Essa independência das nativas filipinas era só social ou elas também tinham liderança política?*

MARY JOHN: Sua liderança podia ser sentida não só no campo religioso, mas também no econômico, político e cultural. Podiam ser até chefes de tribo, se fossem a filha mais velha de uma família.

MANDRÁGORA: *E no campo religioso? É verdade que podiam ser até sacerdotisas?*

MARY JOHN: Sim. No campo religioso, podiam ser sacerdotisas. As sacerdotisas de Babailan tinham liderança religiosa sobre o povo. Temos uma religião “cósmica” (que os espanhóis equivocadamente chama-

ram “animista”). Todos os eventos importantes na vida, como os nascimentos, os casamentos tinham que ser celebrados ritualmente. E era à mulher que competia celebrar. Algumas vezes somente ela podia realizar o ritual. Se um homem queria celebrar, tinha que colocar roupas de mulher.

MANDRÁGORA: *O que aconteceu às nativas filipinas quando chegaram os colonizadores espanhóis?*

MARY JOHN: Quando chegaram os religiosos espanhóis, no século XVI, estes ficaram escandalizados com a liberdade das nativas e tentaram “domesticá-las” pela religião. Eles achavam que a mulher filipina era “promíscua” e, embora os homens tivessem a mesma liberdade sexual que as mulheres, e ainda maior, nunca foram chamados de promíscuos pelas autoridades religiosas. A domesticação religiosa das mulheres foi conseguida, infelizmente. Impôs-se um modelo de mulher que chamamos “Maria Clara”: obediente, submissa, caseira, que tem introjetado um sentimento de inferioridade e subordinação. Seu corpo e sua sexualidade são controlados: devem ir virgens para o casamento. Por isso, têm que ser bem guardadas até esse momento.

MANDRÁGORA: *Você diria que a cultura ocidental cristã foi prejudicial para as mulheres filipinas?*

MARY JOHN: Sim, porque os colonizadores trouxeram e nos impuseram uma cultura ocidental cristã patriarcal, que tem em sua base o famoso “machismo latino”, influenciando nossa mentalidade, religião, costumes, educação.

Este machismo latino influenciou muito a vida das mulheres filipinas. Mesmo hoje, quando a constituição afirma a igualdade entre homens e mulheres, na prática, isto não existe. Na família, o homem é o chefe e existe uma dupla moral social. As mulheres pobres são freqüentemente alvo de violência por parte de seu marido/companheiro e até de seus pais. No campo do trabalho, além dos salários serem desiguais e a valorização e promoção favorecerem o homem, existe comumente uma perseguição sexual por parte dos chefes e patrões. As mulheres não denunciam estas situações por medo de perderem o emprego...

MANDRÁGORA: *Você acha que a cultura machista tem a ver com a situação atual da perseguição sexual e a violência contra as mulheres?*

MARY JOHN: Sem dúvida, porque a violência contra a mulher é uma manifestação muito clara da desigualdade entre a mulher e o homem. As pesquisas mostram que 95% das violações ocorrem dentro da própria casa por parte de pais, parentes ou maridos.

Uma das coisas que temos percebido ultimamente é que a violência contra as mulheres aumenta a cada dia, em vez de diminuir: estupro, incesto, agressões físicas pelos maridos/companheiros ou parentes. E isto acontece em todas as classes sociais e evidencia claramente a desigualdade entre homens e mulheres. Sem dúvida, isto é fruto de uma cultura extremamente machista que desvaloriza a mulher e nega sua dignidade.

Em meu país, temos um "Centro para Mulheres em Crise" que dá atendimento a casos de violência contra a mulher.

MANDRÁGORA: *Quais são as grandes dificuldades enfrentadas pelas mulheres filipinas?*

MARY JOHN: Devido à concentração das riquezas do país nas mãos de uma pequena elite, existe um alto índice de pobreza. A maioria desses pobres é constituída de mulheres, o que resulta em:

- tráfico de mulheres para países mais ricos (principalmente o Japão), e isto significa a prostituição, a venda e corrupção sistemática de crianças do sexo feminino etc.

- comércio de casamentos: homens de países ricos encomendam noivas filipinas. Elas se casam e depois de dois ou três anos a maioria dos casamentos não dá certo e elas querem voltar para as Filipinas. Só que aí estão isoladas de suas famílias e amigos, têm filhos com os estrangeiros, não possuem dinheiro para voltar ou começar uma nova vida e aí se entregam à prostituição para ganhar a vida.

Porém, quero afirmar aqui que as mulheres filipinas são fortes e corajosas, quando são solicitadas a resistir. Temos uma *perigosa memória coletiva* de nossa igualdade histórica.

MANDRÁGORA: *Quando você fala da coragem das mulheres filipinas e de sua perigosa memória coletiva, isto significa que vocês estão organizadas? Que tipo de organização é essa?*

MARY JOHN: Nas Filipinas, o movimento de mulheres nasceu em 1978, mas se desenvolveu mais rapidamente a partir de 1984. Agora temos muitas organizações de mulheres.

Eu pertença a uma organização que se chama "Gabriela. Este nome é uma homenagem a uma mulher que se chamava Gabriela Silang, que no século XVIII lutou contra os espanhóis e foi morta na forca, por sua militância.

Em 1984 fundamos Gabriela, que no início foi um movimento de mulheres. Acabou se tornando uma federação, tal a adesão de grupos de mulheres que conseguimos. Hoje Gabriela abrange 400 organizações de mulheres em todo o país. Tem 50.000 membros, sendo 95% mulheres de base: 18.000 operárias de fábricas (elas também têm um sindicato), 21.000 camponesas e 5.000 mulheres pobres que vivem em favelas. Todas elas pertencem a uma organização por categoria que, por sua vez, é filiada a Gabriela. Por exemplo, a organização das mulheres que vivem nas favelas se chama *Associação de Mulheres Pobres da Cidade*. A das religiosas se chama *Organização Nacional de Mulheres Religiosas das Filipinas*; existe desde 1982. Há também uma organização de mulheres teólogas filiada a Gabriela.

MANDRÁGORA: *Gabriela nos parece uma organização fora do comum, pelo número de participantes. Como está estruturada?*

MARY JOHN: Como Gabriela cresceu muito, não podemos estar presentes para abordar todos os problemas. Temos alguns conselhos nacionais como o Conselho Nacional sobre a Violência contra a Mulher, o Conselho Nacional sobre a Saúde e os Direitos Reprodutivos da Mulher, o Conselho Nacional para os Meninos e Meninas, o Conselho Nacional sobre os Direitos Humanos da Mulher, o Conselho Nacional sobre Mulheres Migrantes e o Conselho Nacional sobre Mulheres Indígenas.

Temos uma Assembléia Geral que se reúne a cada dois anos, onde participam representantes das 105 organizações reunidas em Gabriela. Nesta Assembléia Geral elegemos nossas dirigentes. Depois temos um Conselho Nacional integrado por sete dirigentes eleitas e representantes de regionais e dos setores. Este Conselho Nacional se reúne quatro vezes ao ano. Temos também um Conselho Executivo que se reúne uma vez ao mês.

MANDRÁGORA: *A ação necessita de uma teorização. Na Gabriela, que é uma federação de grupos de mulheres, como vocês trabalham as questões teóricas relacionadas com estes diversos grupos de mulheres?*

MARY JOHN: A fundação de Gabriela despertou-me para a necessidade de um trabalho de conscientização das mulheres. Tive então a idéia de introduzir, no colégio feminino que eu dirigia, um cur-

so que se chamou Introdução aos Estudos da Mulher. Isto foi em 1985. O sucesso foi tão grande que, no ano seguinte, coloquei este curso no programa de cursos obrigatórios.

Temos hoje, além do curso obrigatório no Colégio/Faculdade que dirijo, outros cursos dentro do que chamamos Estudos da Mulher:

- um módulo para mulheres da base com três dias de duração;

- um módulo para professores e professoras de escolas que se chama: *por uma educação não-sexista*;

- um seminário para as mulheres que trabalham em ONGs que têm consciência sobre a luta por justiça social mas não têm uma perspectiva de gênero;

- um curso de três meses para as mulheres da Ásia e do Pacífico. Este se chama *Curso Intercultural de Mulheres da Ásia e do Pacífico*, cujo tema é: *A mulher e a sociedade*. É muito interessante porque, além de reunir mulheres de vários países do continente, elas são das mais diferentes religiões.

MANDRÁGORA: *Você se considera uma teóloga feminista na Ásia. O que isto significa para você?*

MARY JOHN: Para mim fazer teologia feminista no terceiro mundo significa ter uma militância política e um sério compromisso com a luta das mulheres populares por sua plena humanidade e libertação. Não acredito numa teologia feminista meramente acadêmica e que se considera neutra. Em meu país temos um forte compromisso com o movimento de mulheres, em todos os níveis. Gabriela é o resultado desse compromisso.

MANDRÁGORA: *Você nasceu no seio de uma classe média de alto poder aquisitivo. Entrou para o convento ainda adolescente e estudou teologia na Europa. Quando você se tornou militante política?*

MARY JOHN: Poderia dizer que isso começou com o que chamo de *batismo de fogo*. Ao voltar a meu país, após seis anos de estudos na Europa, Ferdinando Marcos havia decretado a lei marcial nas Filipinas. Os operários trabalhavam sob condições muito precárias e as greves estavam proibidas. Operários de uma fábrica de vinho declararam greve e nos chamaram para apoiá-los. Saímos às 11 horas da noite, sem licença de nossa superiora, deixando apenas um bilhete. Seguiram-se uma centena de greves e fomos de uma para outra, para apoiar os trabalhadores, que sofriam as maiores humilhações e violência.

MANDRÁGORA: *Isto me parece um salto qualitativo em sua vida! Como você se tornou feminista?*

Existe uma ligação entre a militância política e o feminismo?

MARY JOHN: Em 1978, após cinco anos de militância política, o Conselho Mundial de Igrejas me convidou para dar uma palestra que se chamava *Os direitos humanos e as mulheres*. Entrevistei presas políticas, emocionei-me ao ouvir toda a violência e tortura que haviam sofrido por parte dos militares. Isto me despertou para a problemática das mulheres, mas ainda sem a perspectiva de gênero. Creio que o trabalho sistemático com o movimento de mulheres, a partir de então, converteu-me para o feminismo, isto é, o trabalho numa perspectiva de gênero.

Acredito que nosso movimento de mulheres é parte essencial do movimento de libertação em nosso país. Não se trata de um movimento isolado nem tampouco de um movimento de mulheres contra os homens. Não nos preocupamos somente com os assuntos da mulher, mas com todos os problemas da sociedade.

Há teóricos que são muito progressistas politicamente, mas muito machistas em suas idéias ou atuações, e nos dizem que temos que esperar até o final desta revolução para aí então nos preocuparmos com a problemática da mulher. Outros acham que a libertação da mulher virá automaticamente, quando acontecer a revolução política. Discordamos dessa idéia. Em nossa opinião, temos que incorporar a problemática da mulher, agora, já, neste processo de libertação. Por isso o movimento de mulheres luta por uma transformação sócio-econômico-política não como objetivo, mas como processo.

Temos um slogan: "*todos os temas nacionais são questões de mulher e todos os problemas da mulher são questões nacionais*".

Somos um movimento feminista. Para nós, isto é muito claro, não temos nenhum escrúpulo, nenhuma vergonha, para dizer que somos uma organização feminista. Lutamos pela libertação de todas as mulheres, principalmente as mais pobres, e a mudança de relações entre mulheres e homens, mulheres e instituições.

MANDRÁGORA: *Quando você ouviu pela primeira vez falar em teologia feminista?*

MARY JOHN: Começamos a nos reunir como teólogas através de EATWOT - Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, da qual somos membras. Em dezembro de 1976, durante a assembléia geral em Delhi, Índia, Jackie Grant, teóloga negra nor-

te-americana, começou a rezar: "Nosso Pai e Mãe que estas nos céus...". Aí começou um enorme murmúrio, um imenso buxixo, que não terminava mais. Daí para a frente se tem discutido sem cessar uma teologia com feições menos patriarcais.

E chegamos, numa assembléia geral em Genebra 1983, à conclusão de que tínhamos que fazer teologia feminista. Indicamos uma comissão de mulheres para fazer teologia feminista, com uma agenda internacional, regional, nacional. Para descobrir a hermenêutica feminista cada uma em seu país ou região deveria buscar quais as características regionais para uma teologia feminista. Em 1985 tivemos a primeira reunião de teólogas feministas asiáticas nas Filipinas. Aí começamos a desenvolver uma metodologia própria.

MANDRÁGORA: *Você poderia dizer-nos quais as características da teologia feminista na Ásia?*

MARY JOHN: Para nós, existem cinco pontos: 1) O ponto de partida para uma teologia feminista é a luta da mulher por uma plena humanidade. 2) Esta Teologia precisa fazer uma crítica da cultura e da religião no que ela tem de opressivo; isto significa recuperar os valores não-patriarcais de nossa cultura e religião. 3) Fazemos uma releitura da Bíblia, porque ela é normativa, principalmente para as protestantes; estamos descobrindo novas formas de releitura bíblica, resgatando a história bíblica das mulheres, denunciando o sexismo nos textos e nos contextos bíblicos etc. 4) Fazemos uma teologia coletiva, comunitária, de forma a evitar o individualismo ou estrelismo. 5) Por fim, não teologizar de forma "científica", isto é, abstrata, partindo de princípios que alguns pretendem universais. Nossa teologia tem que ser mais que acadêmica: tem que ser uma ação libertadora, comprometida com a luta das mulheres, tem que estar envolvida social e politicamente com o movimento de mulheres. Só depois se pode dizer que se está fazendo uma Teologia feminista.

MANDRÁGORA: *O que você nos diz da espiritualidade feminista na Ásia?*

MARY JOHN: Eu diria que nossa espiritualidade oriental é sempre integral: não rezamos somente com nossa mente, mas também com todo o nosso corpo. Assim, costumamos praticar meditação, como a meditação zen ou exercícios que nos levam a uma meditação zen ou exercícios que nos levam a uma meditação. Por exemplo, costume praticar o shibashi, tipo de tai-chi, pelo menos duas vezes ao dia. Eu diria que o shibashi é, para mim, um momento de oração, de con-

templação em movimento. Não só representa uma arte, mas tem também uma função terapêutica, harmonizando nossa energia vital.

MANDRÁGORA: *Essa ligação corpo-mente-natureza parece ter a ver com uma espiritualidade ecofeminista...*

MARY JOHN: Sim, no ocidente, as teólogas chamam esta espiritualidade de ecofeminista. Você pode perceber a ligação com a natureza, só pelos nomes - formosos e sugestivos - que damos a cada um dos movimentos: saudando o lago, desenhando um arco-íris, separando nuvens, seda flutuando no ar etc.

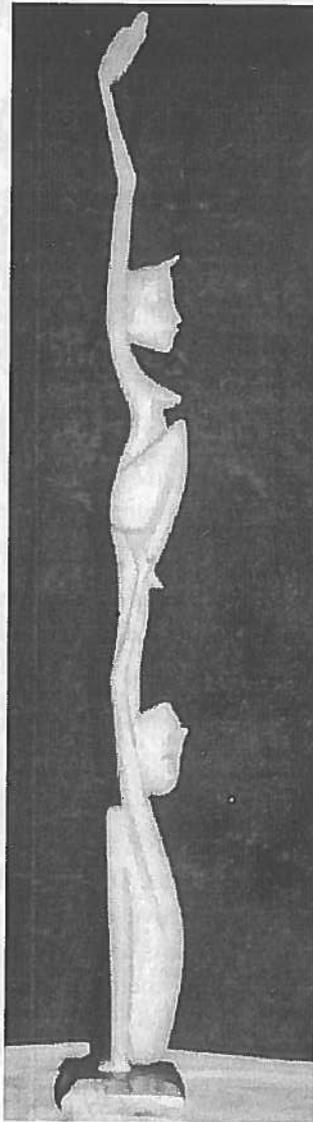


Ilustração: Artesanato de Bali